

DEPÓSITO LEGAL

MARIA RITA

SEMANARIO

HUMORISTICO

Grupo Literário de
ARNALDO LEITE
CARVALHO BARBOZA
JOSÉ DE ARTIMANHA

Director Artístico e Secretário da Redacção

OCTAVIO SÉRGIO

OCTAVIO SÉRGIO



Política internacional



HERRIOT-YÓ EM ESPANHA

Propriedade da Empresa do Magazine «Civilização» L. da

Redacção e Administração,
Rua do Almada, 107-2.º
Telefone, 1819 — PORTO

Composto e impresso na
Imprensa Portuguesa,
::: Rua Formosa, 116 :::

EDITOR:

E. COSTA MONTEIRO



Directores literários:

Arnaldo Leite, Carvalho Barboza e José de Artimanha

Director artístico e secretário da redacção:

Octávio Sérgio

Condições de assinatura:

Continente e ilhas	
Ano	45\$00
Semestre	24\$00
Colónias	
Ano	50\$00
Registado	70\$00
Estrangeiro	
Ano	60\$00
Registado	100\$00
Número avulso 1 escudo	
Anúncios: Preços convencionais	

CONCURSO DO SAPO

FINAL

Distribuição dos prémios de 100\$00 escudos (5) referentes à quinta partida

Aníbal de Matos Fino	1 a 97	Firmino da Silva	5046 a 5142	Bento Pereira	8441 a 8537
António Rodrigues Martins	98 a 194	Curvo com mêdo	5143 a 5239	Arnaldo Sousa Ramos	8538 a 8634
José de Almeida Loureiro	195 a 291	A. Leite Cabral	5240 a 5336	Antunes 1.º	8635 a 8731
Saxies 3.º	292 a 388	Manuel Leitão Moreira	5337 a 5433	F. Leal J.or.	8732 a 8828
António Marques Nogueira	389 a 485	K. H. Alto	5434 a 5530	Emília da Siva	8829 a 8925
Angelo Meneses	486 a 582	Alvo Rocado	5531 a 5627	António Artur Sousa	8926 a 9022
Manuel R. de Almeida	583 a 679	Joaquim Temudo Fernandes	5628 a 5724	António Lago	9023 a 9119
Fê	680 a 776	Berimbau Galhetas	5725 a 5821	Hercules	9120 a 9216
Joaquim Monteiro	777 a 873	Mefistófeles	5822 a 5918	Orquídea Violeta	2217 a 9313
Ernesto Lacerda	874 a 970	Henrique Bravíssimo	5919 a 6015	Hercules & C.ª	9314 a 9410
Claúdio António Moreira	971 a 1067	Alfredo Matos Gil	6016 a 6112	Zacaria Fuertes	9411 a 9507
Armando A. Freitas Reis	1068 a 1164	Irene Coutinho	6113 a 6209	Maria Luiza Romariz	9508 a 9604
Horácio Ferreira	1165 a 1261	Heitor de Sousa Nunes	6210 a 6306	Castro Rodrigues	9605 a 9701
Zeca Camelo	1262 a 1358	Maria H. Morais Costa	6307 a 6403	Lizé	9702 a 9798
José Jacinto Carvalho	1359 a 1455	Fernanda Albergaria Pessoa	6404 a 6500	António Nascimento	9799 a 9895
Francisco Augustlo Peres	1456 a 1552	Estrudes Doméstica	6501 a 6597	Zé Banano	9896 a 9992
Melson Machado	1553 a 1649	Ridi Pagliaci	6598 a 6694		
Verde Gaio	1650 a 1746	Rei do Saxofone	6695 a 6791		
Roumaldo Fernandes	1747 a 1843	Bertoldo	6792 a 6888		
Rei Meda	1844 a 1940	B. Osório Castro	6889 a 6985		
Pimpão de Altamira	1941 a 2037	Arnaldo Ruivo	6986 a 7082		
Kikinho	2038 a 2134	Inácio Fonseca	7083 a 7179		
Manuel Queiroz	2135 a 2231	O. Amaral	7180 a 7276		
Luis Lopes Teixeira	2.32 a 2328	Eduardo Serrano	7277 a 7373		
Eduardo Sernano	2329 a 2425	Bronca da Graça Barbosa	7374 a 7470		
Zé dos Nabos	2426 a 2522	Maria Emília Mendes	7471 a 7567		
Custódio das Dores	2523 a 2619	Herculano Mendes	7568 a 7664		
Serafão Antunes	2620 a 2716	António Soares Sousa	7665 a 7761		
Maria Estela Sá	2717 a 2813	Fernando H. Rodrigues Silva	7762 a 7858		
Sempre fixinho	2814 a 2910	Faco	7859 a 7955		
Alvaro Ferreira Matos	2911 a 3007	Camem Ribeiro	7956 a 8052		
Jeremias Sosinho	3008 a 3104	Chico martins	8053 a 8149		
Manuel Augusto Santos	3105 a 3201	Alvaro Menezes	8150 a 8246		
Xavier de Sempre	3202 a 3298	M. Recarei	8247 a 8343		
A. do Nascimento	3299 a 3395	José Teix.ª Carvalho	8344 a 8440		
Sacrista	3396 a 3492				
Serafim das Beatas	3493 a 3589				
Aurelio Ferreira da Silva	3590 a 3686				
José B. do Silva Barros	3687 a 3783				
Rei Poderoso	3784 a 3880				
Dó Menor	3881 a 3977				
Marcolino Freitas	3978 a 4074				
Belchior Ribeiro	4075 a 4171				
Martínica	4172 a 4268				
Simplicio Fernandes	4269 a 4365				
Mary Tanga	4366 a 4462				
Josefina Dias Correia	4463 a 4559				
Maria C. Mota Dias	4560 a 4656				
Trepa Nada	4657 a 4753				
Mário Rito	4754 a 4850				
R. Pereira	4851 a 4947				
Fermino Silva	4948 a 5044				

Como os prémios a distribuir são em número de 5 e os primeiros prémios da loteria portuguesa são 3 apenas, vai seguir-se neste sorteio o seguinte critério:

Serão válidos os três maiores prémios da loteria.

Os dois restantes, caberão aos números que correspondam aos milhares imediatamente superiores e inferiores ao maior prémio da loteria.

Assim, se por exemplo a sorte grande calhar no número 3056, será este número contemplado e bem assim os números 2056 e 4056.

Fica entendido que nenhum concorrente tem direito a mais de um prémio. No caso de se dar esta circunstância será premiado o concorrente de série imediatamente superior.

ADEGA REGIONAL DO LAVRADOR

DE

Manuel Moreira Rato

Rua das Fontainhas, 53 e 55
PORTO

Vinhos de consumo, vinhos verdes,
vinhos do Pôrto, Azeites, Vinagres,
::: Aguardentes, etc. :::

NAS

Galerias Lafayette

da Rua Formosa — PORTO,
todos os artigos tem um
cunho parisiense inexcédível

AUX GALERIES LAFAYETTE



Factos e prestações

Crónica anacrónica

Cumpro o doloroso dever de lhes comunicar o falecimento do meu velho amigo e quasi conterrâneo Anacleto de Sousa Viruegas.

Quem o conhecia sabe os esplêndidos dotes morais que floresciam na alma de êsse bellissimo rapaz. Rapaz, não é bem assim. Anacleto Viruegas tinha acabado de fazer 60 anos quando passou de esta para melhor. Mas quem orça mais ou menos pela mesma idade, e o conheceu criança, sente o irresistível desejo de lhe chamar rapaz, — para que lhe chamem também a êle.

Anacleto tinha apenas um defeito, que era talvez a sua melhor qualidade: um grande amor ao sossego. Para viver tranqüilo, nunca se casou, nunca se envolveu na politica, nunca quis ser mesário da Lapa, nunca comeu ameixas, e jamais cortejou uma mulher. Tendo herdado dos pais avultados meios de fortuna, limitava-se a cobrar pelo S. Miguel as rendas dos prédios e a gastá-las alegremente nos trezentos e sessenta-e-cinco dias que vão de essa data, que a Igreja tornou festiva em homenagem ao integralismo lusitano, até ao S. Miguel seguinte:

Decorreu-lhe plácida a vida, na apetejada tranqüillidade, até à eclosão da grande guerra. Nesta altura, ou seja em Agosto de 1914, Anacleto Viruegas entrou de viver agitado: Consolava-o ainda a ideia de que o temporal se desencadearia por lá, pelo centro da Europa, sem chegar a Portugal. Mas veio o movimento das espadas, o 14 de Maio, a entrada de Portugal na luta, as juntas militares, a monarquia do norte... Viruegas, que, cada vez mais aterrado, perdia pavorosamente o apetite, declarou-me certo dia:

— Meu amigo! Portugal vai-se tornando inhabitável. E não só Portugal: toda a Europa, excepto a Espanha, que teve o bom senso de manter a sua neutralidade. Vou morar para Madrid.

Partiu, — e conseguiu viver tranqüilo até ao dia em que Primo de Rivera realizou aquele movimento pacífico que deu de si a ditadura militar. Abateu-se então um pouco o optimismo de Viruegas, mas logo se retemperou ao reconhecer que se não vertera uma gota de sangue. E êsse optimismo conservou-se durante meia dúzia de anos, mesmo quando a Espanha, também pacificamente, — em Espanha todas as revoluções são pacíficas — proclamou a república.

Tenho presente ainda a carta que o Anacleto me escreveu então: « Grande povo, o espanhol! — Dizia êle. — Vê tu como se muda de regime de um dia para o outro, sem que se ouça o disparar de uma espingarda! Aqui, sim, que se pode viver! »

Não viveu lá, contudo, muito tempo. De repente, estalaram greves, tumultos, lutas à mão

armada, bombas às esquinas, incêndios nas igrejas... Enfiado Viruegas fêz as malas e regressou ao país natal.

— Não se pode viver na Europa! — declarou-me êle no dia em que o fui esperar à estação. — A Rússia, tem o bolchevismo, a Polónia depõe e aclama governos como quem muda de chapéu, na Grécia é temerosa a luta entre republicanos e monárquicos, na Alemanha degladiam-se Hitler e os comunistas, a Bulgária e a Roménia estão sôbre um vulcão, na Inglaterra os trabalhistas estragaram] tudo, na França Herriot prepara-se para dar a vitória aos radicais... Nada! Venho receber as rendas, e largo para a América! Lá, sim, é que se encontra a verdadeira paz!

Meteu-se num vapor, e desembarcou na Argentina, — precisamente na véspera do dia em que o general Uriburu punha na rua a sua revolução. O desgraçado conservou-se em Buenos Aires apenas três dias. De lá transportou-se ao Chile, onde apanhou, nas vinte-e-quatro horas que lá esteve, três revoluções, cinco ministérios e sete presidentes. E no Equador, no Perú, na Columbia, em Venezuela, nas Honduras, era o Viruegas a chegar e a revolução a disparar os primeiros tiros...

Refugiou-se no Brasil. Dias depois, Getúlio Vargas avançava em som de guerra sôbre o Rio. Largou para a Bolívia, onde teve de presenciar a tomada de não sei quantos fortes pelas tropas uruguaias. Embarcou em Montevideu e desembarcou em Santos quando S. Paulo se revoltava. Fugiu para Cuba, onde assistiu à sublevação do general Madeira. Uma semana depois, estava nos Estados-Unidos. Aqui, pôde dormir uma noite sem pesadelos. Mas já passou a segunda presenciando a marcha de trescentos mil esfomeados sôbre Washington. Tomou passagem para Inglaterra. Também ali os desempregados se moviam, avançando sôbre Londres...

Escreveu-me de Douvres, já com o pé no portaló do vapor em que se propunha atravessar a Mancha:

« Vou acoutar-me na Suíça. Aquilo é um povo cheio de civismo. De mais a mais, está lá a Sociedade das Nações e a Conferência da Paz... »

Mal aquecera os lençóis de um hotel genérico, entram de explodir bombas pelas ruas, logo juncadas de mortos e feridos pelas balas da policia... Viruegas fugiu, vindo meter-se numa estalagem tripeira.

Fui visitá-lo. Achei-o magrissimo, cadavérico, com uma inquietação funda nos olhos espantados.

— Aqui tens um Judeu Errante — disse êle — correndo o globo à procura de sossego, e não o encontrando em parte alguma.

— Encontra-lo em Portugal.

Nessa mesma noite metia uma bala na cabeça.

Lá fui ontem acompanhá-lo a Agramonte. E ao despedir-me de êle para sempre, murmurei comovido:

— Adeus, meu pobre e inquieto Viruegas! Enfim, achaste um sitio — o único — onde se pode estar descansado!

Marcial JORDÃO.



MADRIGAL

a

uma velha insuportável

(DE CIMA PARA BAIXO)

Repugnas-me, maldita.

Arde em meu coração,

Incêndio de alma afitta —

O fogo da aversão.

Sofras o que eu sofri!

Tenhas as minhas dores!

Espinhos que eu senti,

Piquem os teus furores!

Ainda hás-de saber,

Rata de sacristia,

Tudo o que fêz sofrer

A tua mão já fria.

Megera sem piedade,

Caraça da justiça,

Engano por verdade,

Nero a ajudar à missa,

Some-te! Rã, fakir,

Ursa maior, mosquito,

Raposa!!... — Onde eu te vir,

Apito, apito, apito!

TAÇO.

Qual é o seu desporto favorito?

Ouvindo sumidades — Divergem as opiniões

Os desportos avassalam o mundo. As ideias vivem apertadas num delírio circular de "rugby", "foot-ball", "ginkana", "golf" e outras iguarias que a estranja nos fornece a preços reduzidos e com balões às crianças.

A febre desportiva invadiu tôdas as classes, trepou por cima de todos os credos políticos e alastrou soberana, desdenhosa e invencível, pelas massas fosfóricas e encefálicas de todos os cérebros, incultos ou cultivados, que vegetam por êste redondo orbe terçaqueo.

Quais os desportos preferidos? Oicamos as sumidades portuguesas, que são as que teem mais sumo para as podermos espremer à vontade.

Que ramo de desporto prefere?

— Para mim o foot-ball. Sou doído pela bola. Ai, que saúdades doutros tempos?

Mercedes Blasco.

— Sou amante da natação. Os senhores sabem lá o prazer que eu sinto quando mergulho...

Cunha da Raza.

— O Tennis! O Tennis! A tôda a hora, a todo o momento, eu penso nêle. Até sonho com o Tennis!...

António Boto.

— Não há nada como a esgrima. Tenho passado a minha vida a esgrimir. Esgrimo para a frente, esgrimo para trás, esgrimo para a direita, esgrimo para a esquerda...

Cunha Leal.

— A natação é o meu forte. Estou em Vigo, e olhando para o mar, o que vejo? Nada... nada... nada...

Bernardino Machado.

— Digam lá o que quiserem! O Box é tudo, e o resto quási nada. Box, Box é que é preciso. Tenho passado a minha vida a jogá-lo e a pôr os outros K. O.

Homem Cristo.

— Ai, meninos o que mais me diverte é o Yó-Yó. Se vocês soubessem as coisas que eu faço com o Yó-Yó.

Beatriz Costa.

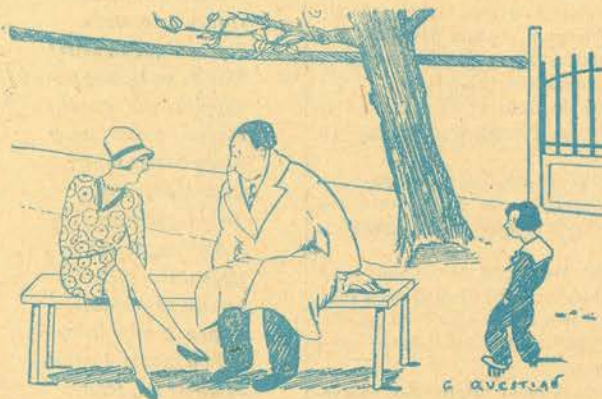
— Eu e os meus camaradas integralistas suspiramos pelo Golf. O Golf é o desporto dos aristocratas e dos fidalgos "vielle roche". Na côrte de D. Nuno é cada golfada, que lhes não conto nada!...

João Ameal.

— O rêmo deve ser o desporto nacional. Façam como eu... que ando sempre a remar contra a maré.

Brito Camacho.

Boa resposta



Ele — O seu filho é uma criança extraordinariamente inteligente...

Ela — E' fantástico que o senhor tenha adivinhado que êle o olha insuportável de estupidéz.

MARIARITICES

Pousa aqui... pousa ali...

As Evas tuberculosas

Um célebre pintor inglês, mestre notável da brocha, anda atarefado, à brocha, em procura dum modelo perfeito de Eva moderna para um quadro que anda a pintar.

O artista confessa-se desanimado, pois só lhe aparecem raparigas com peitos chatos, sem relêvo, e com ancas ridiculamente estreitas.

O pintor tem razão. As Evas de hoje são tôdas cinéfilas e copiam do écran as formas esqueléticas e esfomeadas das Gretas e das Lilians.

Quer-nos parecer que o artista inglês deve encontrar o modelo que procura, não nas raparigas, mas sim nos rapazes de hoje, cinéfilos anfíbios, de formas provocadoras e sorrizinhos à Novarro...

Se lhe não agradarem os rapazes, só tem uma solução: — a nossa MARIA RITA.

Ao menos não lhe faltam ancas nem peitos — louvado seja o Senhor!

Aqui há de tudo

A Exposição Industrial de Lisboa tem sido uma inesperada revelação para todos os beócios portugueses que ficam de bôca aberta perante as maravilhas nacionais que as nossas fábricas e os nossos artistas fabricam e idealizam. Não precisamos da estranja para nada!

Tudo portuguezinho da costa!

Até os país dêste jardim da Europa vão principiar a fabricar aqui os filhos, deixando de os mandar vir de França, onde a matéria prima escasseia cada vez mais...

Aí, portuguezinhos valentes!

A epidemia do Yó-Yó

Yó-Yó! Yó-Yó!

A epidemia alastrou de maneira assustadora, e já é freqüente encontrarmos nas ruas simpáticas meninas com o dedo espetado no anel do cordãozinho Yó-Voesco.

E' moda e, portanto, toca a dar-lhe de Yó-Yó até cansar a mãozinha ou rebentar o cordão.

Dizem de Paris que os aristocratas e respectivas consortes usam Yó-Yós de prata, ouro, platina e até com pedras preciosas!!!

Outras donzelas de famílias mais modestas, contentam-se com Yó-Yós de madeira, de lata, de cartão, etc....

O' senhores, até há meninas que os usam de borracha!

A dona Moda é levadinha da breca!

As Belezas da Rua do Ameal

Uma artéria com o sangue adulterado. Uma saída do Pôrto que conduz a Braga antes de lá chegar

E' este o nosso lema, por isso tenham paciência.

A nossa terra é linda!

Lindíssima. Tão linda que tem um sol como não há nenhum outro. Um céu que tem mais azul do que uma drogaria; e um clima que se não fôsem os nevoeiros tôdas as manhãs seria o primeiro da Europa. Mas, infelizmente, no que respeita a coisas reais, a nossa terra ainda tem muitíssimo que girar.

Ocupar-nos-emos hoje da Rua do Ameal, essa grande artéria que dá vazão ao Pôrto, e que é positivamente, pela sua situação, uma das mais concorridas da cidade.

O que há nesta rua

Nada menos que duas fábricas de cortumes, que quando o vento está de feição, perfumam admiravelmente a atmosfera com aquele perfume a coiro que é uma consolação.

Logo à saída da Arca de Agua, começa a haver muita casa, e a não haver passeios, nem valetas, nem escoadinhos.

E durante o trajecto de dois kilómetros que medeiam até à Circunvalação, *as ilhas*, as casas e os palecetes, fazem tôdas as necessidades para a rua, onde há uns carreiritos, a que pomposamente chamam valetas. Nestes carreiros medram ervas de tôdas as espécies. Por entre as ervas nascem os pepinos e ficam dependurados os papéis dos *rebuçados*.

Tudo isto é bucólico e perfuma o ambiente.

A falta de escoadoiro faz paradas de porcaria interessantíssimas, e os mosquitos, as môscas e outros animais domésticos, banqueteam-se e procriam freneticamente.

O que não há nesta rua

E' quem se interesse por estas coisas. Quando lá morava um director da sanidade pública, vamos indo, que ainda era pior. Mas agora é muito mau.

Desde muito pequeninos que calcurriamos esta afamada artéria. Pois desde sempre a conhecemos com este sangue apodrecido de imundície, e tanto faz construir casas como bairros! E' sempre a mesma rua votada ao abandono, à sua sorte, e à sua porcaria que é inevitável.

Olhando-a como merece, evita-se a reclamação que os bracarenses tentam

fazer, dizendo que a Rua do Ameal lhes prejudica o turismo, porque escusam de lá ir, para passar por *baixo* do braço da sua cidade.

Aldrabão, jornal humorístico que em Lisboa se publica, resolveu ajudar-nos na obra de purificação a que metemos ombros. E neste louvável propósito, agarrou os *Ecos de Cacia* pelos cabelos e pespegou com êles em meia página do seu jornal. Obrigados pela cooperação, e pelas palavras amistosas de que acompanha a primeira transcrição.

PERFIS DO PORTO

XXVI

DR. VELOSO DE PINHO



*Macio como um veludo
Tem brando o gesto e a fala.
Se o não deixam dizer tudo
Fica entupido e entala.*

Aguias & Cágados

—Máximos e mínimos de Portugal—

III

JÚLIO BRANDÃO



Sem ser boticário, fêz carreira na «Farmácia Pires»

Pôsto Médico

Venho retomar a clínica. Não fui estudar ao estrangeiro outra especialidade. Este interregno forçado, não foi por menos consideração... A MARIA RITA merece que a ela volte. Não sei se traz nova pintura nas faces, nas unhas, nos cabelos! A que lhe deram seus bons amigos desde o início, de tal modo era fixe que parece remocar. Durante este tempo, quantos males deixei de registar, examinar, curar... Quantas meninas Standardizadas (como Júlio Dantas informa) deixaram de me procurar? E quantos meninos sem chapéu não viraram para... outros colegas? Agora que as gazetas referem que voltei a dar consultas, não me faltarão clientes!? Vejo que continuas a dar Motes para glosas te entrarem para dentro... das tuas saias que daqui a pouco estarão de balão... Vejo que a tua graça tem feito pro-

gressos e proficientes discípulos. Nos tempos que correm (quando tudo se lamenta e aperta a barriga...) só tu é que dás alívio ao fígado. E's uma verdadeira CHOLAGO, chamando a bília à digestão pública! Ainda te põem lenço à cabeça. Queria ver-te de cabelo ondulado (com a permanente de seis meses que por vezes são só seis dias), perninhas à vela, toda num traje tentador, de YO-YO e mais sorridente ainda! Uma MARIRITA para dares na vista, fumista, azougada, último grito, saltos nos sapatos de piorra e boiminha vermelha, em metamorfose, pelo derradeiro figurino. Porque não vais ao barbeiro? Porque não vais à manicura afiar as unhas? Porque não entras na tabacaria? Porque não trazes acendalha e bilhete de identidade na carteira? Porque não escreves contos em papel. Deves ir tomar chá às cinco onde te apreciem. E' do bom tom. Pelas três horas sai de casa assim e verás como os homens te dizem «piropos».

Dr. RACLIMA.



O que faz a gordura

Há dias, o grande actor Chaby Pinheiro encontrou-se em Lisboa com um tripeiro de gema que orça aproximadamente pela sua avantajada estatura e cujo nome pedimos vénia para guardar.

Palavra pucha palavra, bairrismo pucha bairrismo, acabou a sua acalorada discussão na relência pessoal, e são alguns desses formosos epítetos trocados mutuamente, que eu para aqui transplanto, mudados em letra de fôrma:

CHABY, num arregaço, gesticulando com os braços à altura do pescoço — Ora o mastodonte! Ter a coragem de me chamar gordo, êle, que se quiser entrar num automóvel, tem que ser com a ajuda de uma calçadeira!

O OUTRO, com as três pregas do pescoço vermelhas como um tomate — Sim, eu talvez, para entrar, precise duma calçadeira! Mas o senhor, para sair dêle, só desarmando a carrosserie!

CHABY, sempre a gesticular — O senhor estava bom para Lord Maior de Londres; porque era, sem dúvida, o maior Lord de todos!

O OUTRO, cada vez mais atomatado do pescoço — E você, se fôsse ministro, ninguém lhe conseguia pedir um favor qualquer! Pessoa que andasse à sua volta a pedir-lho, acabava por se cansar e morrer estafada!

CHABY, esbaforido — Felizmente que você não passa dum banal quidam. Se fôsse alguém e lhe tivessem que erigir uma estátua lá no Pôrto, nem toda a pedra do Monte Pedral chegava para ela!

O OUTRO, da côr dum pimento curtido — Eh, bôia! Nunca se banhe no mar, senão sobe a maré!

CHABY, com os braços à laia de asas de enfusa — Vá dormir para um hangar, se quer dormir à vontade!

O OUTRO, congestionadíssimo — Não tem vergonha! Quando faz um fato, todos os alfaiates de Lisboa tem que trabalhar horas suplementares!

CHABY, risonho — Pois sim, mas não me tomam, como a si, a medida da cintura, por cálculos algébricos!

O OUTRO, afastando-se lentamente, resmungando, atira-lhe com esta, já de longe — E' verdade, ó sr. Chaby! Dizem que quando o sr. se fotografa, sai sempre uma ampliação?

Dr. KNOX.

“Maria Rita”

E' este o título duma peça que os nossos camaradas lisboetas, Ernesto Rodrigues e João Bastos, meteram a ensaios na Companhia Apolo.

Deus queira que tenha tantas representações, quantos números de vida para nós desejamos.

MARIA RITA ufana-se por se ver lançada à ribalta por nomes tão distintos e faz votos para que o público possa morrer de riso...

Aos festejados escritores, MARIA RITA agradece a honra da deferência.

DESCANSO SEMANAL

Como prometíamos no nosso último número, cá estamos hoje a escalar os diários da nossa terra.

Comecemos pelo

“O Comércio do Pôrto”

esse formidável baluarte da pureza da nossa língua, e gigantesco arranha-céus da caridade anónima.

São do seu número de 18 de Outubro, e fazem parte de uma correspondência de *Vilar de Andorinho*, os seguintes períodos:

Vilar de Andorinho, 16 — *Consta-nos que está pronta a nova matriz urbana desta freguesia, o que todos os proprietários de Vilar de Andorinho estimam a fim-de que desapareçam muitas diferenças e desigualdades que haviam na matriz velha, que já fora feita segundo nos informam, há cerca de 60 anos!*

Constituíram a comissão que fez a nova matriz desta freguesia os srs. José Ferreira dos Santos, presidente; Vitor dos Santos, secretário; e Acácio Lameiras Magro, vogal.

A-pesar-de ser observada a esta comissão muita boa vontade de acertar e o cuidado com o serviço de que foi encarregada, sendo bem visível o cuidado principalmente do seu presidente todos os proprietários devem examinar a nova matriz, estando em reclamação.

Como vêem, este português é perfeitíssimo. Chega a gente a ter saudades dos *Ecos de Cacia*.

Continua...

— *A nossa terra progride. Os povos procuram instruir-se e pela sua instrução se interessa o Estado.*

A lavoura, a industria e o comercio desenvolvem-se, estendem-se as linhas ferreas, telefonicas e do telegrafo por toda a parte, os transportes de toda a especie estreitam-se e embora em caminhos e estradas ainda haja muito que fazer, melhorarem muito; porem, em relação com o progresso do mundo, ha pouca humanidade. A cada passo verificamos como o homem trata os animais domesticos, como espanca o boi como apedrejado e o cão e como assusta o gato, etc.

Seria louvavel que todos, mas principalmente aqueles que têm a seu cargo a instrução, agitassem um grande movimento em prol da humanidade!

Ensinar á rapaziada a não fazer ao seu semelhante o que não quer que lhe façam. — A. M.

O sr. A. M. pode ter razão em lastimar-se assim! Quem sabe se já teria sido apedrejado! Ou espancado! Ou estreatado no meio dos transportes. Mas o que nós defendemos, em nome de todos os professores, é que eles *agitem um grande movimento, em prol do seu*

semelhante, que é o boi apedrejado, o gato espancado, o cão corrido, que leva a corda, agarrada ao rabo, que leva o linho prã Ribeira Mota.

Arre Diabo!

Agora, do vetusto

“Jornal de Notícias”

esse admirável Diário, que quando há um crime qualquer, faz reportagens tão minuciosas, que até descreve a côr do céu, e a beleza da paisagem.

São do seu número de 19 de Outubro as palavras que vão ler-se:

Por Mirandela

«Diário de Notícias»

Mirandela, 15 — *Teve efectivamente, logar, ontem, pelas 17 horas, a inauguração do «Placard» do «Diário de Notícias».*

Uma assistência selecta e numerosa, sobretudo pertencentes á classe militar e civil, assistiu ao acto.

Uma bandeira nacional cobria por completo o «placard» a qual foi descerrada pelo vereador da Camara sr. Eloy Costa.

Reboou nessa ocasião, pelo espaço, uma estrondosa salva de palmas, ficando então a descoberto o primeiro «placard» que saudava, em nome do jornal, toda o povo da nossa encantadora vila transmontana.

Seguidamente foi pronunciado, pelo sr. Alexandre Certã, um carinhoso discurso, inalterando a população mirandense e as vantagens do referido «placard».

Falaram ainda o sr. tenente Faria e outros oradores, que agradeceram em nome dos habitantes desta pacata vila, as palavras elogiosas do orador.

E sempre na vanguarda, mais um melhoramento a registar para a nossa querida terra.

Ao inspector do «Diário de Notícias» agradecemos a gentileza com que nos recebeu e as palavras elogiosas que proferiu em prol do nosso presado director, ex.mo sr. Anibal de Moraes.

Que linda devia ter sido esta festa! Foi pena que não pudéssemos assistir as classes eclesiásticas! E quando *reboou pelo espaço* a estrondosa salva de palmas, e o sr. Certã pronunciou um *carinhoso* discurso, o povo Mirandense ficou com a certeza que estava na vanguarda do progresso.

E nós também nos congratulamos, com as palavras ditas em prol do amável director do *Jornal de Notícias*; o que não sabemos é o que teria êle com o *placard do Diário de Notícias*.

Agora do

“O Primeiro de Janeiro”

No número de 19 de Outubro também. Tem a palavra aquele seu correspondente de *Aves*, que já uma vez foi *puleado* pela MARIA RITA. O homem-

zinho tinha-se calado, e muito bem; mas agora volta à carga.

Aves — Santo Tirso, 17 de Outubro

— *Aves caminha a passos agigantados no caminho do seu progresso. Nada nos falta para que esta freguesia se torne em uma vila, tal o seu desenvolvimento comercial e industrial, e, para o quê vejamos: Possuímos estação de caminho de ferro (que por irrisão se chama Negrelos), Estação Telegrafo Postal, telefone, dois talhos de carne de vaca, dois de toucinho, quatro padarias, uma doçaria, cinco alfaiatarias, quatro sapatarias, uma serralheria, um ferreiro, uma casa de aluguer de bicicletas, quatro barbearias, tabernas e mercearias de carne dezanove, um café, três pichelarias, três farmacias, um consultorio medico, um fotografo, a Fabrica de Fiação e Tecidos do Rio Vizela, a Fabrica de Tecidos e Fiação do sr. Machado Guimarães, três lojas de ferragem com cal e telha, dois negociantes de madeira, dois campos de foot-ball, uma ourivesaria e relojoaria, um armador, etc...*

Mais cousas nos faltam, é certo, assim como mais algumas casas para escola, um recreio, um jornal semanario, uma casa para teatro e cinema, um bom restaurante, e vá, tambem uma corporação de bmeiros. Belezas naturais temo-las como poucos, mas faltam-nos alguns adornos, como por exemplo, alguns jardinzitos para os quais temos lugares esplendidos, um hospital tambem não nos ficava mal, e cremos que o podemos esperar da benevolencia do sr. conde de Vizela a quem já muito devemos. Porém, além disto que nos falta, já podemos dizer que a nossa terra, esta nossa freguesia que se chama Aves, é uma das maiores do concelho de Santo Tirso.

Leram V. Ex.^{as}? Viram quanta coisa bonita, *Aves* já possui? E se calhar não notaram falta de nada!... Ceguinhos! Vejam lá se não falta um ferrador?! Também não há dúvida que faz falta lá um semanário! Já agora, é preciso que a gente tenha assunto! Mas um ferradorzito, onde o correspondente do *Janeiro*, fôsse aparar os calos, faz uma falta danada.

Para fechar, do mesmo jornal e da secção dos Anúncios, recortamos essa jóia preciosíssima:

Salvê, 29-9-932

Hoje ao romper do dia ouvi uma voz quã dizia que alegremente fazia mais uma risonha existencia no seu natalicio jardim, e ao ao mesmo tempo encontrei o meu amigo sr. Joaquim Augusto de Carvalho, que colhia num conjunto 53 primaveras, onde peço que se prelongue por muitos anos que lhe deseja o seu dedicado amigo, Abílio Ferreira Campos.

E ainda há quem diga que Portugal é um país de analfabetos! Mentira! Tudo mentira!...



Promoção por distinção

Quando da recente guerra civil no Brasil, seu Gêtulio visitou à frente de batalha.

Elogiando a acção de seu Góis Monteiro, comandante das tropas federais, admirou-se de ver em um alto monte dois formidáveis canhões.

— O é! — diz — *mais qui trabalho devia ter dado pôr êles ali em cima!* E qui quantidade di pêssoal!

Volve o comandante:

— Nem por isso... Foram guindados apenas por dois cabos.

— Dois cabos apenasmente? — Prô-mova êles imediatamente à sargento!

O Embaixador

Caipira Júnior foi nomeado Embaixador do Brasil junto do Governo da República Francesa.

Como sabia pouco francês, ficou um tanto encabulado.

Por tal, encomendou a redacção de um discurso em francês, para dizer ao Presidente da República.

Partiu.

E no dia marcado, o Sr. Presidente recebe-o em audiência.

Estão presentes, além do Ministro dos Estrangeiros, os chefes de protocolo, casa civil e militar.

Caipira, entrando, faz uma vénia e, pigarreando o catarrô, dá início à leitura:

Monsieur le Président de la République Française:

J'ai l'honneur de vous présenter...

Nesta dimensão, o nosso homem, constata que, fazendo a vénia ao Presidente, nem por isso cumprimentara os circunstantes, e diz, mesmo em caipira:

Me desculpa, Prêssidenti... Me esqueci di cumprimentar o pêssoal...

Mas, de repente, lembrado de que lhe não era lícito falar brasileiro, baixando a cabeça, diz em *bom francês*:

Boujour... pêssoal!

Excerto de uma conferência profilática

A febre amarela é veiculada pelo terrivi paquiderme, qui se chama mósquito.

Quem não puder comprar a MARIA RITA, peça-a emprestada. Desta :: forma, terá graça de graça ::

FEIJOADA BRASILEIRA

ANEDOTAS, LARAFAS & PIPAROTES

Há duas espécies di mósquito: o mósquito macho e o mósquito fêmea. O mósquito macho é o mósquito prôpriamente dito, mas o mósquito fêmea não sei mêmô como si chama.

O eterno Hermes

Conta-se que Hermes da Fonseca, então Presidente da República, visitou

a Alemanha. O Kaiser, que, como os conspícuos leitores sabem, era um *gajo*, na expressão lapidar do nosso D. Carlos, recebeu-o com espavento, não tanto por Hermes como por si próprio.

Um dos números do programa era uma formidável parada militar.

Guilherme II, acompanhado de Hermes, passa revista às tropas, e para mostrar-se em tôda a sua grndeza, interroga vários soldados:

— E's amigo do teu Imperador?

— Sim, magestade.

— Amas a tua Pátria?

— Sim, magestade.

— E serias capaz de por uma e outro dares a tua vida?

— Sim, magestade.

— Então, dá um tiro na cabeça.

E o soldado matou-se.

Pouco tempo depois, um príncipe alemão visita o Brasil.

Hermes pretende em tudo imitar o Kaiser, com parada militar e tudo.

Na revista, vá de interrogar o soldadinho:

— Me diga, você ama o Presidenti?

— Si, siô.

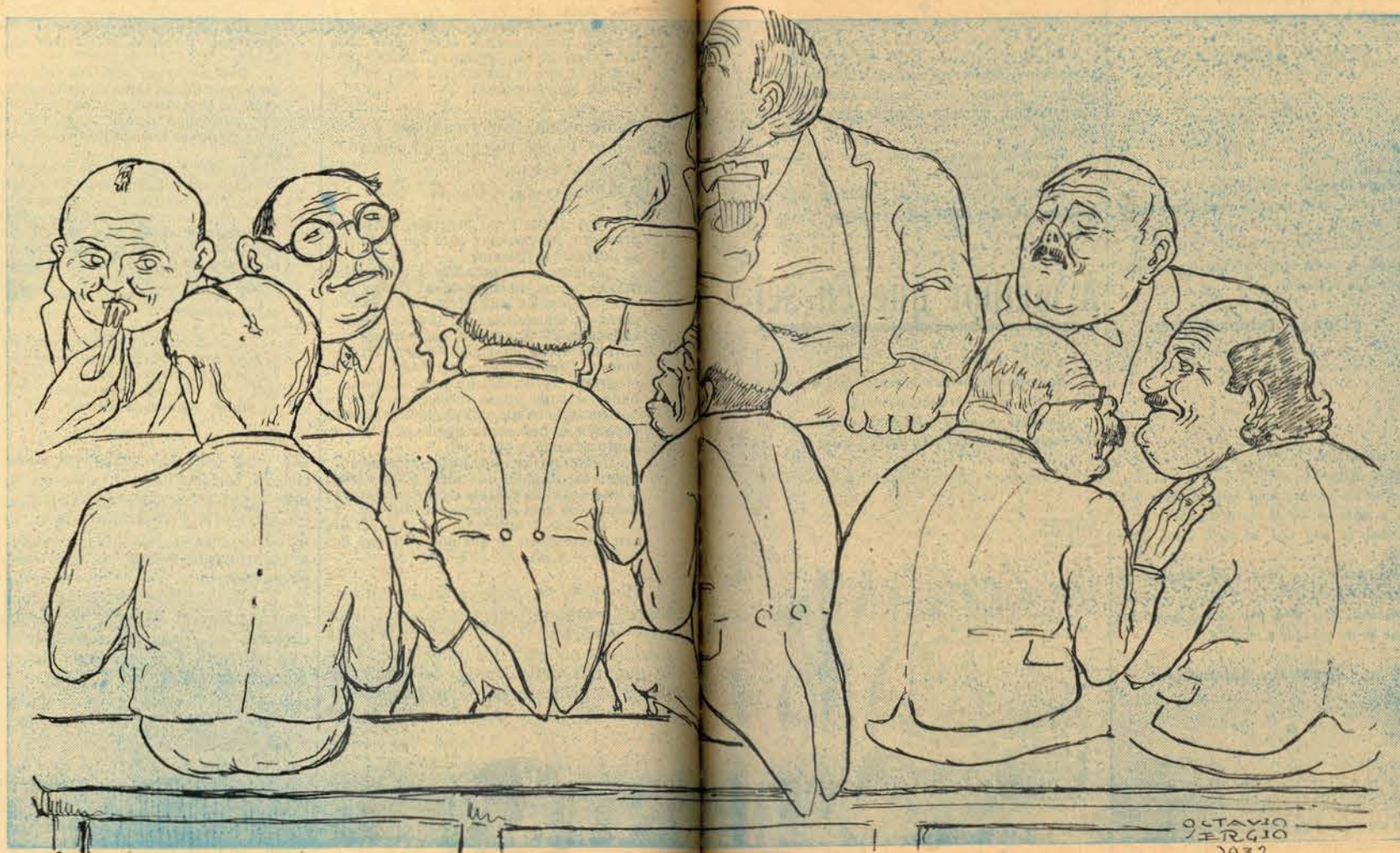
— E a sua Pátria?

— Também, si, siô.

— E, me diga: você é capaz de se sacrificar-se por uma e outro?

— Si, siô?

SAÚDE PRA TODOS



— Bebamos pela saúde de todos os infelizes.

— Então pegue nesse trabuco e deu um tiro em baucê.

E e soldado, de olhos arregalados:

— Tá besta, Presidenti!

Brinde num jantar aniversariante

Em casa di Manduca Soárés si está bem como em Pinêdo em fundo di abismo.

Manduca, rapaz bônigo, bônificante e primáturo... eu bêbo à saúde di êle...

Nesta altura levanta-se outro convida e diz:

E eu ábundo ná razão directa di á mesma:

Hupa! Hupa! Irra! Hupa! Hupa! Irra!

Final estupendo de um estupendíssimo discurso de intercâmbio luso-brasileiro

Portugueses! Se acabou-se o nátivismo!

— Eu sou irmão di bancês... Vamo tóma café ná Tijuca.

Sessão parlamentar

O Sr. Presidente — Tem a palavra o nobre deputado Dr. Carvalho Filho.

O Sr. Carvalho Filho — Senhores! Venho agora mesmo di S. Paulo ondi fui bótá filores na campa tumularmenti mortuária de meu fálécido Pai, o nobre deputado Carvalho Pai...

Vozes da galeria — Dá o fora, pêssoá, qui está enxóvãhando à nação.

Toma depois a palavra, o deputado Général honorário Dr. Filores da Cunha.

Sua excelência, referindo-se à estátua de Pedro Álvares Cabral que está na Praça da Glória:

— Presidenti! São horas di tirá di ali áqueli galêgo di bronze!

(Aplausos da Câmara).

Epitáfio

Aqui jaz a carneira
Caetana Rosa de Brito,
Morreu numa quinta... feira,
Quando esfolava um cabrito.

BISNAU.

Fazer circular a MARIA RITA, mesmo dada ou emprestada, é contribuir para a sua expansão sempre :: :: :: :: em aumento :: :: :: ::

A MELHOR QUE EU SEI

Anedotas, Epigramas & Calemburgos

N.º 1

A porta duma riquíssima *vila* do Estoril, bateu um pobre diabo.

Veio a criada abrir, e deparando-se-lhe o pobre da véspera, increpa-o:

— Mas você não tem vergonha! Ainda ontem lhe dei de jantar. Você julga que eu não me lembro?

— Bem sei. Mas o que eu julgava é que a casa já tivesse mudado de criada.

Remetente: Assinante n.º 701.

N.º 2

Entre dois exploradores do continente negro: — Então, meu caro amigo, como achou você os selvagens do Centro de África?

— Encantadores, somente! Encantadores. Receberam-me duma maneira tão formidável e gentil, que me vi tolo para não fazer parte da sua mesa.

Remetente: Mariazinha.

N.º 3

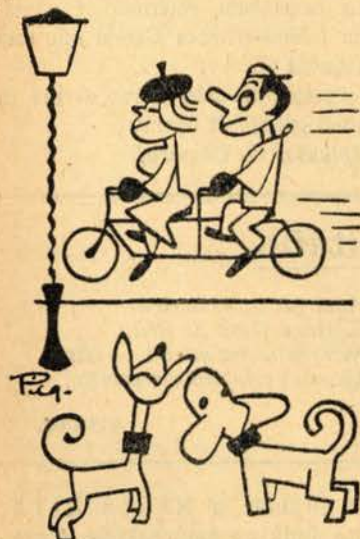
Indo por uma rua certa senhora grávida, e levando papelotes no cabelo, um estudante que a encontrou, lhe perguntou:

— Aluga-se a casa?

— Vossê ou é tolo ou cego, respondeu a mesma senhora, não vê que tem gente dentro?

Remetente: Guerra Anjos.

Pois está claro



O cão — Se fôssemos nós, atiravamos com um balde de água fria.

N.º 4

Estando uma patroa em ajustes com uma criada, aquela avisou-a:

Aquí nesta casa tudo tem — Dom.

Passados dias, estava a ama tratando da sua *manicure*, quando lhe aparece a criada dizendo:

— Oh Sr.ª D. Maria — o Sr. D. Gato fugiu com a D. Posta do Sr. D. Bacalhau na D. Bóca!...

Remetente: Bobo Real.

N.º 5

A senhora para a criada:

— Olhe para isto, Maria: os móveis tem tamanha camada de poeira que eu escrevo sobre eles o meu nome, e lê-se bem.

A criada:

— Ora veja, minha senhora, como é bom ser-se instruída!...

Remetente: Assinante n.º 723.

N.º 6

A senhora idosa ao cavalheiro:

— Pois olhe, caro senhor. Ainda ontem me deram 30 anos!...

O cavalheiro:

— Acredito, minha senhora! Mas no seu lugar preferia que mos tirassem.

Remetente: Fernanda Pires.

N.º 7

Entre estudantes.

— Sabes Mário?

— Acabo de receber uma carta de meu pai, dando-me a triste notícia da morte da minha avó: — Porisso já não vou ao club, como tinha combinado.

— Tens razão!... Mas aqui ninguém te conhece...

— Pois sim, mas meu pai com o desgosto, esqueceu-se de me mandar a mesada.

Remetente: Amarantino.

N.º 8

Uma bela manhã um cavalheiro entra no consultório de um médico de nomeada, especialista em certa enfermidade que não vem ao caso.

— Doutor... eu queria saber se há algum meio de chegar a uma idade bastante avançada.

Poderei, por exemplo, viver até à idade de cem anos?

— Que idade tem o senhor? — perguntou o facultativo.

— Quarenta-e-cinco anos.

— O senhor bebe?

— Não Doutor.

— Fuma?

— Absolutamente.

— Gosta das refeições finas, condimentadas?

— Não, Doutor.

— Tem outras preferências particulares?

— Não, Doutor.

— E' dado a aventuras amorosas?

— Oh! Doutor! Por quem me toma o senhor?

— E' casado, ou tenciono fazê-lo?

— Não Doutor.

O médico sorriu, e perguntou afinal:

— Mas, meu caro amigo, para que quer, então viver até cem anos?

Remetente: Horácio Ferreira.

N. B. — Para colaborar nesta secção não se torna necessário o preenchimento do cupão. Diversos pedidos neste sentido recebemos de colaboradores que não desejam estragar a sua colecção.

Atendendo-os, não fazemos mais do que cumprir um dever gratíssimo.

Basta, portanto, que o remetente diga no cimo da anedocta que é para a secção

A melhor que eu sei

No próximo número diremos qual o número da anedocta premiada nesta semana.

Também se pede o favor de não mandarem anedoctas que ocupem mais de 15 linhas.

Sopas



Ela — O sr. gosta de sopas?

Ele — Gosto, mas você não diga nada à senhora.

FOLHAS DE ALFACE

CARTAS DA CAPITAL



Minha querida MARIA RITA:

Tenho tido uns poucos de pesadelos, por causa da descoberta de uns sábios suecos. Imagina tu que, tendo partido para a Groenlândia, a ares, encontraram por lá vestígios iniludíveis de um peixe quadrúpede.

Isto tem-me feito uma confusão diabólica. Não diz a notícia que vestígios foram, nem isso interessa para o caso; quer fôssem as pegadas do bicho, quer fôssem as suas impressões digitais, estava tudo tão fossilizado que, no dizer dos sábios descobridores, o animalejo era com certeza pre-histórico.

Nunca fiando. Ali a Baixa já é um aquarizinho muito respeitável; vê a gente muitas «pescadas» a pé, alguns «tubarões» de automóvel; e também, em vária locomoção, algum «peixe-espada». Por isso eu encaro com terror a hipótese de encontrar por lá, um destes dias, uma baleia com grandes barbas e quatro *butes* temerosos que me esmaguem. Dir-me-ás que a baleia não é peixe? Sabe-se lá. Também ontem me dirias: — o peixe não é quadrúpede. E afinal, partindo para a Groenlândia, mudarias de parecer.

Quem dera que Buffon voltasse a este mundo! Ou mesmo apenas Lacépède, seu pouco eufónico mas muito sábio continuador. Tu verias. Tinhamos uma revolução na História Natural. Com botões de rosa nos punhos de renda, um deles traçaria este quadro fiel:

— «Nos tempos primitivos, eram os peixes cidadãos prestáveis; mas consideravam-nos, injustamente, belicosos; unicamente porque, num mundo que vivia em paz, os peixes não prescindiam da guerra. Foram, por isso, perseguidos; e em resposta, os peixes deixaram cair os braços; deixaram-nos cair até ao chão, sendo esta a primeira greve dos braços caídos que se regista na História. Assim quadrúpedes, assistiram ainda ao desenrolar de várias gerações. Quando viram os bonitos resultados que davam dois pés e duas mãos; quando viram os homens desentenderem a vida, o mesmo fazendo alguns peixes grandes que não acompanharam a greve, (ainda hoje conhecidos por «peixões»); quando sentiram, numa palavra, que toda a terra era uma floresta a arder, passaram palavra uns aos outros, reuniram-se em chusma à beira do Oceano, e, trocando os quatro pés terrestres por muitos pés de profundidade aquática, — puseram as barbatanas de mólho. Assim ficaram como hoje são».

Deve ser isto. Aquele que os sábios encontraram na Groenlândia, visivelmente petrificado, era um retardatário, um passageiro que perdeu o combóio. Enquanto a terra fôr o que é, escusamos de recar que os peixes se arrendam e abandonem o mar.

(Vamos a ver se, tendo desabafado no seio da dedução, — durmo melhor esta noite...)

Agora, em todos os casos policiais, em todos os meandros do crime, existe uma divindade a que se recorre pressurosamente, (como antigamente recorriam ao «responso de Santo António» as nossas avós que perdiam os *mitênes*). — É a impressão digital.

Ainda bem um crime não foi descoberto, e já as impressões digitais andam numa roda viva, como abelhas afanosas cujo cortiço é o xelindró.

Muitas vezes, a coisa pega. Outras vezes, falha. É que, aqui para nós, eu creio que a impressão digital assume vários aspectos. Sim. Todos nós temos «um dedinho que adivinha»; — a única dificuldade consiste, para nós, na localização desse dedo, entre os vinte que Deus nos deu. Da mesma forma, e a respeito de todos os assuntos, e especialmente dos que desconhecemos, todos nós temos a impressão disto, a

impressão de aquilo... Conjugando esta forma de palpito com a facultade adivinatória do dedo, teremos que, mesmo à face dos dicionários, uma impressão digital pode definir-se assim: — estado de alma da pessoa que deitou um dedinho a adivinhar...

Há cá em Lisboa um patusco muito divertido, que, tendo resolvido entronizar a espreiteza de rato no altar do talento, conjuga o jornalismo com as suas pequeninas e inofensivas aspirações pessoais...

É divertidíssimo ver o homenzinho singrar, nos seus artigos de primeira página, entre as duas águas, geralmente turvas, de que lhe pode vir pesca.

Volta e meia, com grandes rodeios, elogia este, elogia aquele... Já o vi elogiar um potestado de curta duração, — de quem precisava para ir passear a Paris; e vários políticos de várias situações, sempre na altura psicologicamente útil.

Agora, anda todo dado às direitas, — sempre com seus tagatês para a esquerda, não vá ser o diabo negro... Ainda hoje o li, de razão. Enterra e aniquila vencidos de ontem, que ontem entrevistou e bajulou... Mas de mistura, e porque o que neste momento lhe convém a ele não convém nada ao jornal em que escreve, doira a pilula com elogios quentes a entidades de sinal contrário, — que pertencem aos Conselhos Fiscais dos patrões.

Um mimo... Uma suave delícia... Ah, MARIA RITA! Não há teatro, não há sonoro, não há futebol, não há nada, que valha o que vale um lugarzinho de primeira fila... no palanque!

Deus me não castigue. Mas acho divertido, divertidíssimo, que em Genebra ande tudo num reboliço, num verdadeiro pé de guerra.

Em qualquer outro canto do mundo, tinha pena. Ali, — encanta-me.

Na capital da paz universal, no berço da concórdia dos povos, no foco e tabernáculo dos Estados-Unidos da Europa, em Genebra, um sarrabulho com tiros, apupos, apitos, pranchadas e correrias, (como cá se dizia nos tempos omínios em que a guarda municipal «acutilava o povo»...) — parece uma invenção de um humorista desanstinado!

Mas é verdade. Vai por lá o diabo, e à solta. Genebra, alto-falante da paz mundial, — é uma cidade em cujas ruas tem campeado a guerra-civil. Lembra-me aquelas beatas de recorte antigo, que andavam de sacristia levando Satanaz no coração...

Peço-te que por mim apresentes pêsames aos pacifistas.

E dispõe do

Tomaz Ribeiro COLAÇO.

Oração à luz...

...à Luz Carneiro

Linda luz, ó luz, ó luz,

és o resultado dos

grandes inventos eléctricos.

Ao longe és como os insectos

que o vulgo chama arincus...

Inácio de LANHOLA.

Rectificação

De um condutor muito conhecido cá no burgo e ao qual a MARIA RITA várias vezes se tem referido com palavras de inteira justiça, recebemos a carta que vai lêr-se e que bem demonstra a ingratitude humana, e como é mal conhecido o humorismo entre nós.

Senhores da MARIA RITA:

Nunca tinha ligado importância ao vosso semanário, porque 10 tostões já dá para duas zonas; mas há dias, alguém me mostrou a vossa peça «Dois com traço» e senti que algumas das suas *passagens* se intronem *cumigo*. Trata-se duma senhora e eu sou amável para com todas. Se não tinha ido aí à redacção e partia-lhe a cara a todos.

Primeiro, porque não sou Landru. Tenho a cabeça grande, mas não costumo assar ninguém. O que eu quero é pra cá o arame.

Segundo, eu não sou malcriado. Gosto de me *advertir* c'os passageiros d'ambos os sexos, mas *num* deixo ir ninguém de *borlita*. Se me puseram o nome de Landru foi porque *num* me escapa nenhuma mulher ao alicate. Todas tem de pagar o seu patau.

Agora o que vos digo e repito é que se vos encontro na rua, tendes de fazer uma *paragem obrigada*, e algum de nós tem de ir *parar à remise* de Agramonte.

Cada um é como é, e eu *num* tenho culpa de ser assim. O que vocês arranjaram é que me chamem agora o Landru da MARIA RITA, como se ela andasse no meu carro. Do que Deus a livrará! Tinha de pagar dois bilhetes, quando não que fôsse deixar as *abrobas* em casa. E a esse senhor da Arte e Manha, que se quer meter *co'a* minha vida, ainda lhe hei de passar bilhete pró Repouso.

Landru ou Broa, ou lá o que quiserem.

Segue-se o reconhecimento,

E nós, que sempre lidamos com lisura e correcção, temos a declarar que realmente o Landru não é quem ele pensa. O Landru é outro muito mais cabeçudo e *delicado*.

O Landru não é este que nos escreve a fina carta que acima deixamos, cumprindo uma penosa obrigação da lei da Imprensa.

O Landru que temos focado, é outro condutor, muito mais *broeiro* do que este, e que tem por costume fazer graça à custa de quem paga. O Landru é um tipo muito mal feito, com as pernas tortas, escorrendo-lhe água pelos cantos da bôca, e com uma cabeçorra que parece feita de louça das Caldas, com aquela molazinha que as faz abanar constantemente.

Para não haver confusões entre o pessoal da Carris, qualquer dia vamos dar à estampa a vera efígie desse mastodonte. Até lá, porém, vamos-nos divertindo com ele, e no próximo número daremos a *Tercera Landrusada*.

Meia bola e força...

Um neurasténico, sentindo o bostunto um tanto gasto e avariado, consultou um neurologista distinto, com prática nos hospitais da Alemanha.

O psiquiatra concluiu por diagnosticar falta de limpeza nas ideias do doente e por tal disse-lhe:

O seu caso é curável. Deixe-me o senhor ficar aí os seus miolos que eu com uma ligeira escovadela ponho-os como novos.

Resolutamente, o nosso homem, atirou-se gentilmente de um 5.º andar abaixo só para abrir a cabeça, e sacudido da poeira, levanta do chão os miolos, embrulha-os em um lenço de assoar e leva-os ao médico.

— Aqui tem, doutor. Quando devo voltar?

— Isto de aqui a 15 dias fica pronto.

Sai o doente, e o psiquiatra, com a paciência de um relojoeiro, vá de meter mãos ao concerto da avariada mioleira.

Passaram 15, 20, 30 dias e o homem nada de aparecer.

Então o médico resolveu escrever ao doente, comunicando-lhe que o trabalho estava pronto, e que, com o tempo agora húmido, se êle não apparecesse já, tinha o seu perigo de apodrecer a mioleira.

O doente não demorou a resposta. Ei-la:

«Meu caro Doutor:

Muito grato pelo seu cuidado.

Deixei aí os miolos porque precisava dêles arranjados para pensar na porca da vida.

O meu problema económico, foi, porém, de súbito, resolvido com a minha recente nomeação para o lugar



Os nossos colaboradores



O Dr. Zoopirrotécnico, autor das brilhantes lições de zoologia da nossa revista.

de Professor da Universidade, pelo que me é absolutamente impossível tornar a usar essa porcaria.

Deite a mioleira aos ratos, ou coma-a com ovos.

Seu muito afectuoso,

F.º

Lições de zoologia

Pelo Prof. ZOOPIROTÉCNICO

IV

O Cão

(*Canis lupus calotis*)

Lynen

O cão, — *canis lupus calotis* — é o macho da fêmea que usa o nome de cadela.

Explicaremos em primeiro lugar, a razão de se chamar cadela e não cã, coa ou ainda pior do que isso, à excellentíssima espôsa do Sr. Cão.

No principio do mundo, o pobre animal, que não usava coleira nem pagava impostos, andou errante à procura do seu focinho metade. A todos os transeúntes perguntava: viste-la minha mulher? Que é dela a minha mulher? De corrupção em corrupção, que é dela, que é

dela, deu cadela, o que é muito natural, ainda que o não pareça.

Ora o cão, no dia em que encontrou o atrás mencionado focinho metade, soltando verdadeiras risadas de cristal por entre o alvoredo, pôs-se a assobiar de contente e logo concertou com a cadela montarem uma indústria de cãestitos na primeira infância, sob a marca registada de cachorros.

O cão descende do lupus, o qual se emprega no fabrico da cerveja.

Os modernos bacteriologistas, depois de aturados estudos nas bactérias de artilharia da Serra do Pilar, descobriram que o cão não é um animal, mas sim uma doença e por sinal contagiosa.

O cão pega-se à cadela e para debelar o mal não chega muitas vezes um cântaro de água fria.

O cão, sendo um animal doméstico, como as aranhas e as sogras é imprescindível na sociedade moderna.

Se não fôsem os cães não poderiam viver muitos capitalistas do nosso conhecimento.

Zoopirrotécnico

Professor de Zoologia no Instituto de Socorras a Naufragos.

Elegâncias académicas

Partidas e chegadas

Partiu a cara a um desgraçado caloiro, o consagrado quintanista Valente Brandão.

Por sua vez, o caloiro chegou... a cair.

Aniversários

Faz hoje precisamente 5 anos que era caloiro o quintanista de Medicina e nosso particular amigo, Sr. José Fernandes.

Vivas felicitações.



Quem é?

Prototipo da lisura
Este doutor. Bom rapaz...
Em qualquer crise, a mais dura,
Da operação é capaz.

Trata dos olhos com jeito,
Com saber invulnerável;
Aprumado e escorreito,
Seu aspecto é agradável.

Mona para Pinto Bessa,
Usa luvas e bengala.
Não adivinha? Homessa!
Vê-se na horta quem fala! ..

(Gaita). **ALVACARSO.**

Anexim

Tenho em casa um bichaninho
Sonolento e sossegado.
Sem querer calquei-lhe o rabinho
Quando ele estava sentado

E o bichano, coitado,
Miando bem se lamenta
Dando razão ao ditado:

MONTEIRO II

Decifração do número anterior: *Quem é?* —
Dr. Cardoso do Carmo.
Matadores: Sepol, Monteiro I e II, Oinotna,
Reirobi, João da Sê, Satiel ed Milled, Lizé, Zé
Barão, Octávia Maria, Kika, Rofeu, Venâncio da
Praça, Alvacarso.

Pensamentos sérios

FEITOS A RIR

*A vida é cheia de surpresas e incoerências.
Põe-se hoje de lado aquilo que ontem se tinha
por bom.*

*A vitória eleitoral do partido húmido, na
América do Norte, nada tem de extraordinário.
É próprio da estação que se aproxima dos
mortais com todo o perigo de gripe e reuma-
tismo — o inverno. De admirar seria se fôsse
no verão, em que tudo anda com uns calores!*

*A derrota dos secos, dá assim uma ideia
dum pano que, depois de servido, se tornou em
farrapo e, por isso, se põe de lado por não
prestar para nada.*

*O S. Martinho, que a nossa MARIA RITA
encaixilhou no último número, fêz-me rir
com vontade, lembrando-me daquele pândego
rei Menelau criado por Fialho, que quis comer
pão amassado com o suor do rosto e que, por
fim, morreu de indigestão.*

ALICK.

História psico-neura

Era uma jovem precocemente don-
zela e dêle, que avelhentada pela moci-
dade dos oitenta anos e pico, faial e
corvo, resolveu enamorar-se, vindo a
casar no registo médio com o marido,
de quem era viúva póstuma, por se ter
aman... cebado, porco e suíno, com
o inventor das papas de serrabulho à
moda de Braga & C.^a, modas e con-
fecções.

Dava pelo nome de Gertrudes da
Purifi... cação, linguado e sardinhas.
Teve quatro filhos de seis ventres,
dois abortos já homens e três desman-
chos ainda menores e analfabetos. Os
três desmanchos, depois da maior idade,
casaram com os quatro irmãos que
eram filhos, sendo padrinhos do con-
sórcio os abortos já falecidos.

O marido da vi... uva moscatel,
— criatura irracional e fabricante de
se... mentes tu, onde estavas tu? es-
tava em casa do sr. abade, etc., — tinha
uma amante que possuía um vigésimo
aberto em cautelas e caldos de galinha
nunca fizeram mal a doentes, que o
atraçoava com um alferes hidrópico
de hidro-aviões, promovido a galucho
por distinção do quadro de reserva.
Ora bem. Até aqui nada há que se não
explique; agora, porém, é que principia
a confusão.

A sogra do feto enfrascado que era
criatura do sexo mascu... Lino, da
Silva & C.^a, resolveu comprar um
Yó-Yó de magnésia calcinada com in-
cristações de sulfato de soda, tendo,

por essa ocasião, rebentado o paiol da
pólvora de conserva congelada, própria
para exportação aos domicílios por meio
de tubos aspiradores.

Perante êste superavit de des...
graças a Deus, a Gertrudes, — a nossa
heróica heroína da rua do Heroísmo,
— sentiu um calor "frigidaire" percor-
rer-lhe a espinha dor... sal e pimenta
até ao temporal desfeito, ao parie...
tal, etc., e tal, juntamente com cócegas
no oc... cipital da Misericórdia.

Chamado vagarosamente à pressa o
galucho, — que era capitão em serviço
passivo, — êste, com o auxílio do canal
da Mancha e Nódoa, carregado de gre-
los à provinciana, conseguiu provar à
evidência que Staline mais Mussolini,
igual a Hitler, mais "nazi" menos
"nazi"...

Foi então que o marido ul... tra-
jado de preto, pegou no taboleiro supe-
rior da ponte Luís 1.º meteu-o no bolso
das calças, e atirou-se no rio de ouro
de dezóito quilates.

A viúva virgem que tinha tido
três filhos, e ficou, portanto, sendo car-
teiro supra, ao saber da má nova com-
prou um exemplar da MARIA RITA e
foi para a Foz tomar o fresco debaixo
da Per... gola de peles para sobretudos.

Começaram a chover postas de bacal-
hau cosido a pontos naturais, sendo o
marido recém-nascido obrigado a abri-
gar-se debaixo dos Pilatos salientes dos
meninos de purp... urina, chi-chi e
outros refrigerantes.

Vá lá uma pessoa livrar-se duma
destas!...

LEIDOAR.

Uma glosa

Eu não sei porque te custa,
Tão pequeno sacrifício,
Não lhe chames artifício,
Já te tenho dito Augusta.
E' coisa que não me assusta,
E por isso não retires
Confiança. Peço, tires
A tua fotografia,
Não sejas cruel Maria
Dá a César o que é do Pires.

Rei LOURO.

VIELA DOS GATOS

E' assim que se chama a próxima
peça dos nossos directores, Arnaldo
Leite e Carvalho Barbosa. Sob e à cena
ainda êste mês no teatro Carlos Alberto,
e foca os aspectos mais bairristas do
nosso querido Pôrto. Quem se lembrar
do **Garoto da Ribeira**, deve fazer
ideia do que será a **Vielas dos Gatos**,
uma peça nossa, dos nossos, e para
nós todos.



COISAS DE FORA

O terrorismo na estranja

A paz em Genebra

Genebra, 13—Esta cidade que foi escolhida internacionalmente, para centro mundial da Paz, está em guerra. Greves, tumultos, mortes, etc., etc. O edifício da *conferência* do Desarmamento, está defendido por metralhadoras e canhões. E este pequenino país, que nunca teve uma revolução, desde que para cá vieram os pacifistas de todo o mundo, desatou a sentir-se mais revolucionário do que um purgante de sulfato.

Bale, 14—Também por aqui cheira a esturro. De tal forma que os pacíficos suíços exclamam em unísono, aos seus irmãos de *Genebra*: Isso não Bale! Consta que a esquadra suíça foi chamada a toda a pressa.

Nova-York, 14—Causou enorme impressão nos partidários de Roosevelt, a revolução de *Genebra*. Veem nesta eclosão uma antipática demonstração contra a lei húmida.

Largo da Aguardente, 15—Vossos camaradas portugueses, saídam repre-

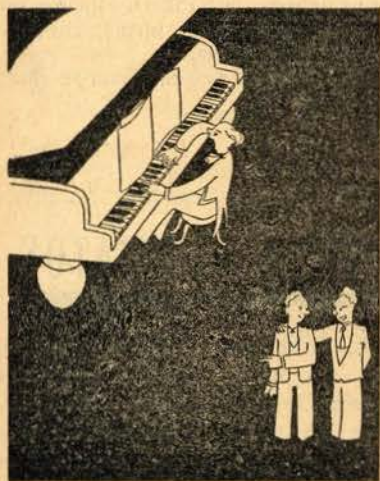
A' saída do cabaret



Ele—*Mas tu juraste que me amarias eternamente...*

Ela—*Pois, sim, mas não contava que perdesse tudo na roleta.*

A quatro mãos



—*Este pianista tem tanto talento que, sòzinho, toca a quatro mãos...*

—*Ouvi na verdade dizer que não passava de um quadrúpede.*

sentantes de *Genebra*. Viva a greve de beijos caídos.

Rede, 16—Estou em ligação convosco. Saúdaí Roosevelt, dai os pêsames a Hoover! E a vós, *genebrianos* da minha alma, saúdo-vos como legítimo representante da *Região Duriense*. — *Amâncio de Queiroz.*

Por Espanha

Segóvia, 12—Ontem, pelas 0 horas menos tal, rebentou, na *Calle de las Hermozas*, *Viva tu padre y tu madre*, uma grande bomba, cujos estragos são incalculáveis.

Há muitos vidros partidos, fatos rotos, alguns relógios parados e a rua ficou com as pedras todas levantadas, o que fez com que a população em pêso fôsse protestar junto do alcaide.

Também parece que há uns trinta ou quarenta mortos. A-pesar-disso, a indignação do povo continua no auge. Segundo as declarações dos peritos,

a bomba rebentou porque tinha dentro dinamite, melanite, ecrasite e himalaíte. Se contivesse rebuçados de frutas, ou qualquer outra substância tóxica, nada disso teria acontecido.

Os criminosos, para dissimularem melhor a bomba, deram-lhe a forma duma bicicleta de 3 rodas.

Pede-se justiça. — *Dr. K.*

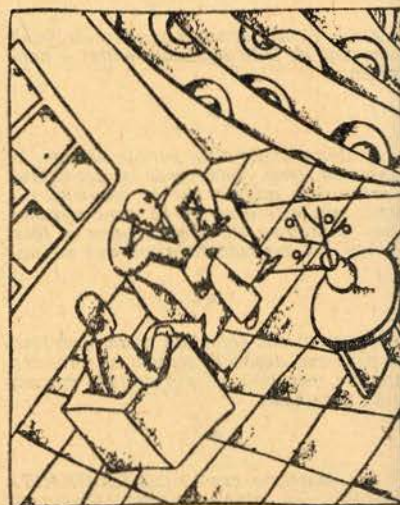
Desastre

Galeria de Paris, 11—Horripilante tragédia se passou, a semana passada, na Galeria de Paris. Fordimável quadro que põe os cabelos em pé ao mais pacato burguês. Hora de dor e luto e de martírio.

Foi o caso que o *Joli* do Sr. Arlindo de Sousa, o filhinho dilecto dêste nosso amigo, caiu dum terceiro andar à rua, e esmurrou os estimáveis focinhos. Consta na artéria que foram amores mal correspondidos, por uma gatinha desempoeirada.

Estimamos as melhoras, e aconselhamos cuidado com a navalha.

Os narradores



—*Na minha viagem à Africa vi coisas maravilhosas...*

—*Viu, por certo muitos pretos...*

—*(Distraído) Nem porisso.*



Damos hoje a continuação do mote

*Se o nudismo pega em moda
Voltamos ao pai Adão*

e a classificação geral do nosso primeiro concurso.

Dos restantes motes referentes à fábrica de cotins Campo do Cirne, daremos resenha no próximo número.

Concorrentes votados duas vezes ao **Quadro negro**:

Adriano X. Nel.

Concorrentes votados uma vez ao **Quadro negro**:

Amaral, Elmano Otrebla, Ardotos e Cagancho.

Concorrentes já com direito ao segundo prémio (4 votos de louvor):

Olegna, Lizé, Sepol.

Concorrentes já com direito ao terceiro prémio (3 votos de louvor):

Zé da Sé, Tito, Amaral.

Concorrentes com dois votos de louvor:

Luigi Morelli, Ardotos, João da Sé, Horrivel, Saramago, Tónio, Adriano X. Nel, Zé Barão.

Concorrentes com um voto de louvor:

Alfredo Cunha, Asódias, O., Orno, Octávia Maria, J. A. Costa, Amarantino, Delfim Freitas, Tripetro, Dr. Crasto, Henrique Cardoso, Chichibéu.

GLOSAS:

Se na alta e baixa roda
Não se trava a impudência;
Se continua a indecência;
Se o nudismo pega em moda
Entre a humanidade toda;
Se não houver um bordão
Que ponha tudo no são;
Se não vier, de improviso,
Uma onda de juízo,
Voltamos ao pai Adão!

(Santo Tirso).

Adriano X. Nel.

E' uso na alta roda,
Andar na rua em cabelo.
Mas inda hão-de andar em pêlo
Se o nudismo pega em moda.
Se assim for a gente toda,
Já não fará mais questão,
Em encobrir com a mão
Aquilo que Deus lhe deu.
Vai andar tudo no lêu,
Voltamos ao pai Adão.

Lizé.

Nos tempos que vão, à borda
Do nudismo estamos já
E, ainda verei o papá,
Se o nudismo pega em moda,
Sem cuecas, a ir à roda,
Da cozinha pr'ó salão,
Com os tarcos na mão,
Pois não se usando carleira
Já se não paga à parteira...
Voltamos ao pai Adão.

Chichibéu.

Anda co'a cabeça à roda
Minha prima Micaela
Com tanto horror à farpela,
Se o nudismo pega em moda,
Se anda nua a gente toda
Como é uso do pagão,
Não ficará nenhum são;
Ficamos filhos do cacó,
Voltamos ao pai meacó.
Voltamos ao pai Adão.

Tónio.

Já se vê na alta roda
Coisas para entontecer
Temos muito que ver
Se o nudismo pega em moda
Qualquer papo se incomoda
Por as ver na ocasião
De despir o seu roupão
Deixando o corpo sem trevas
Vamos tornar a ver Evns
Voltamos ao pai Adão.

(Pórtó).

Asódias.

O' senhoras da alta roda
Digam lá, façam favor,
Se pode haver pundonor,
Se o nudismo pega em moda.
— Não percebo desta podal...
Cá na minha opinião,
Quer vocês queiram, quer não,
Entendo sem mais conversas:
O mundo anda às avessas,
Voltamos ao pai Adão.

(Gaia).

Alvarcarso.

CARTAZ DE HOJE

Sã da Bandeira: Companhia Estêvão Amarante. Primeira representação da revista em 2 actos *Mexilão*.

Rivoli: Revista-fantasia em 3 actos, *Revista do Coliseu*.

Águia d'Ouro: O grande fono-filme *Um homem de negócios*.

Olimpia: A super-produção com Brigitte Helm, *Glória*.

Trindade: O êxito da temporada *Sob uma falsa bandeira*.

Batalha: O filme de grande classe *Traição*.

Põe-se-me a cabeça à roda;
E a pensar às vezes fico
Que é obra do mafarrico
Se o nudismo pega em moda...
Esta gente bebe toda
De garrafão ou garrafão!...
Pois que em tal civilização,
Retrocasso apenas vejo!...
Neste andar de caranguejo
Voltamos ao pai Adão!?!...

Orquidea.

Começou na alta roda
Esta moda do inferno
Eu estou para ver no inverno
Se o nudismo pega em moda
A mim já ninguém me engoda
Neste caso em questão
Pois que nem mesmo no verão
Isto é admissível.
Até parece impossível!
Voltamos ao pai Adão.

Monteiro II.

Já trago a cabeça à roda
Não sei que hei-de fazer
Bem tenho que m'esconder
Se o nudismo pega em moda
A pouca gente incomoda
Eu conheço um figurão
Que vai gostar com razão
E' da Ruza e não replica
Teso é... mais tesó fica
Voltamos ao pai Adão.

Horrivel.

Bom comércio para a soda,
Cloreto e potassa,
Para as damas ir pr'a Praça
Se o nudismo pega em moda
Pr'os vassoureiros a roda
Começa a correr então
Muitos corpos tem negrão
Que só do tóco de esfrega
Se a moda do nu, pega,
Voltamos ao pai Adão.

Pam-Pam.

Já vemos, na alta roda
As senhoras aparecer
Quási nus — só pr'a ver
Se o nudismo pega em moda...
Perderam a «lata» toda,
E, no próximo verão,
Em gordas letras dirão
As revistas femininas:
«Dispam-se, minhas meninas;
Voltamos ao pai Adão.»

(S. Pedro do Sul).

Morei Ravinhas.

Posta restante

J. B., etc., etc. — São, ou devem ser iniciais duma carta de Lisboa, que não sabemos a quem pertence. Quem é, teve um prémio de um livro, que quer trocar por assinatura da *Civilização* ou nossa. Pedíamos favor dizer nome e direcção, para satisfazermos.

Perjuro — Desculpe. A culpa foi quasi sua. A sua 1.^a carta não é lá muito explicita. Nós respeitamos-lhe o nome, agora o pseudónimo não o julgamos necessário. Queira mandar o mote que será publicado junto com as condições do concurso.

Guerra Anjos — Pode mandar quantas quiser. Publicamos uma de cada vez, mas admitimo-las todas.

Velha Guarda — É um bocado de fora. Se lhe podermos deitar um bocadinho de flor de laranja, lá irá porque tem graça. Mande mais.

Amarantino — Todos os dias úteis desde as 10 horas às 19 — Disponível.

CONCURSO DA NOTA DO BANCO

SEGUNDA SEMANA

Ora aí tem os nossos futuros concorrentes, a fotografia das Notas do Banco que entram no concurso.

Tôdas estas notas tem um número de série composto de cinco algarismos, e tôdas elas estão fechadas e lacradas num envelope exposto desde hoje nas montras da Agência de Publicações do sr. Manuel da Silva Braga, à Praça da Liberdade.

Esse número na nota de 100\$00 é composto dos seguintes algarismos	4-0-7-5-1
Na nota de 50\$00, é composto dos seguintes	0-3-8-2-3
Na de vinte	5-4-3-2-1
Na de dez.	4-4-4-2-7
Na de cinco	5-2-6-1-0



Todo o trabalho do concorrente, será, portanto, o de declarar no cupão inserto aqui, qual a disposição dêses algarismos que corresponderá ao verdadeiro número de cada nota.

Depois, recortar êsse cupão, enviá-lo à nossa redacção até à 4.ª feira seguinte.

O nosso número seguinte, como nos restantes concursos, dará a relação dos premiados.

O **CONCURSO DA NOTA DO BANCO**, tem três qualidades:

E' honesto, porque é da MARIA RITA

E' proveitoso, porque dá dinheiro em notas

E' de novo modelo, porque cada concorrente com um cupão apenas, concorre a todos os 5 prémios.

Cupão

2.ª SEMANA

Palpita-me que:

O n.º da nota de 100\$00 será
" " " " 50\$00 "
" " " " 20\$00 "
" " " " 10\$00 "
" " " " 5\$00 "

Nome ou pseudónimo

Morada

N. B. — O número de cada nota será formado com os algarismos que damos acima para cada nota correspondente da mesma importância.

Relação dos premiados na primeira semana

Acertaram na nota de 100	5 concorrentes
" " " " 50	15 "
" " " " 20	31 "
" " " " 10	15 "
" " " " 5	4 "

No próximo número daremos os nomes e a forma de sorteio.